

## Fontes Ibiapina: o regional e o universal nas histórias de vida do nordestino

Professora Dra. Raimunda Celestina Mendes<sup>1</sup> (UEMA/UESPI)

**RESUMO:** Esta comunicação procura mostrar como Fontes Ibiapina une o local e o universal em sua obra, através de estratégias narrativas que destacam o ser humano, suas dores, alegrias e anseios em harmonia com os fatos históricos e com os fenômenos sociais contemporâneos.

**Palavras-chave:** ficção brasileira, regional e universal, Fontes Ibiapina, cultura nordestina.

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, piauiense, contista, romancista e folclorista, estreou em 1958 com o livro de contos *Chão de meu Deus*, cujo labor Álvaro Ferreira considera “como o do anatomista que levanta camadas, com seu escalpelo, levado pelo critério cientista de conhecer melhor o corpo de seu semelhante” (FERREIRA, 1958, p. 3). Essa mão hábil desliza pela produção literária de Fontes Ibiapina, apresentando com sucesso para o Piauí e para o Brasil, pintando com todas as cores, uma faceta do homem piauiense desconhecida de todos. Às vezes, ele mesmo se confunde com suas personagens, ao compartilhar com elas os dramas, as alegrias, as emoções de suas histórias, impregnadas de sentimento humano.

A. Tito Filho comentando o livro *Tombador*, de Fontes Ibiapina, sintetiza a opinião de historiadores, críticos e pesquisadores sobre a vasta produção literária do escritor: “Senti o universal no seu regionalismo. Um mundão de experiências com o humano e o inumano. Vida primitiva. Homens grosseiros no primitivismo dos instintos.” (TITO FILHO, 1972, p. 2) Mesmo trabalhando com material regional, as situações humanas por ele criadas romperam as barreiras do tempo e das limitações geográficas, para se fixarem no sistema literário piauiense. Apesar de o Piauí ser o cenário para suas realizações, os temas retratados são comuns ao homem de todo Brasil e, por que não dizer, dos seres de qualquer lugar do planeta. Fontes Ibiapina reforça essa tese quando declara: “Adoro escrever, ... não tolero produção literária – quer em prosa, quer em poesia – despida de mensagem e oca em participação sócio-humana.” (IBIAPINA, 1971, p.3). Conta para ele o homem em seu meio social, sendo o geográfico mera circunstância.

Ele contesta o rótulo que querem impor à sua obra de folclorista e regionalista. Na reportagem com o título *Fontes Ibiapina: a arte deve ser engajada*, ele não nega o estilo, e defende o ponto de vista de que “nada é mais universal do que o Folclore” e que “a dor é universal, é polêmica, na medida que procura mostrar a miséria de um povo, a falta de escolas nas pequenas cidades. Se literatura regional é isto, eu sou um regionalista, porque tenho vivência de todos esses problemas.”

A análise de sua obra aplicada a aspectos literários específicos, como voz narrativa, tempo da diegese, fatos históricos, dentre outros, revelará o mundo ficcional por ele criado. Segundo o escritor, “A melhor maneira de dizer a verdade é na ficção de mentira” (IBIAPINA, 1974, p. 4), ou, como se expressa Costa Lima: “a ficção é uma figura ambígua. Sem ela, não há possibilidade de descoberta de um sentido para a vida humana. A ficção engendra uma aposta pela qual nossas vidas podem alcançar um caminho.” (LIMA, 1989, p. 76)

Dessa forma, ocupando lugar de destaque na ficção modernista piauiense, Fontes Ibiapina partilha com o leitor a ambigüidade que sua obra revela, uma vez que tem na História o ponto de partida para a maioria de suas narrativas, o que lhe fornece o caminho para a sondagem dos fatos documentais e da realidade ficcional, produto do processo de criação artística do escritor.

*Brocotós*, “estrada de índios”, “terreno cheio de altos e baixos,” obra publicada em 1961, contendo os contos *Onça da mão torta*, *Memórias de um canário*, *Semanas santas*, *Cidade sem*

*reboco*, *Fim de festa*, *Mamolengo* e *Memórias de um cachorro*, com linguagem pitoresca, tem como cenário o Piauí, seu meio físico e humano. Mesmo tratando de tema regional, as marcas da universalidade afloram nos contos. Ao comunicar os desníveis sociais, o autor apresenta o homem na sua integridade, com ternura e sensibilidade, nos estudos dos costumes e da liberdade, em suma, dos problemas políticos, econômicos e educacionais, ficcionalizando-os de forma a transplantá-los para as páginas do livro, em linguagem simples, porém carregado de muita expressividade.

O ano de 1964 é decisivo na trajetória literária de Fontes Ibiapina. *Sambaíba* retrata a primeira experiência do escritor como romancista. Na introdução, ele diz um pouco sobre a profissão do escritor em terras distantes dos grandes centros e que os casos relatados na obra são

puramente inventados, com cenas e personagens contraditórias, a qualquer hora, por todas as redondezas e paragens destes nossos rincões de caatingas secas. Com casa, nó e tudo. Sem fantasia. Sem polimento. Sem tinta e sem verniz. Sem nada de aformoseamento. Coisas tal qual mesmo saíram do pó do quengo deste menor criado. (IBIAPINA, 1964, p. 09)

O enredo encaminha o leitor, no primeiro capítulo, para a mudança do século XIX para o XX, em que todos se despedem do ano velho. Porém, na Fazenda Sambaíba, local onde a trama se desenvolve, todos choram a morte de Manoel Felício, português, que viera para o Brasil fazer fortuna.

O livro reproduz com originalidade o ambiente físico e humano do picoense<sup>1</sup>, seus sofrimentos, as secas, a fome, as doenças, as superstições, a morte para lavar a honra e a dignidade os acertos de conta entre as famílias. Várias personagens se destacam: Quitério, herdeiro de Sambaíba, quase perde a fortuna do pai pelo amor de preta Joaquina; a velha Flora, governanta fiel, dedicada, destemida, não mede esforços para defender a família a quem serviu com apego e devotamento; Chiquito, negro fiel à família, enlouquece com a traição da esposa; Chiquita, moça de família, porém de má índole etc.

As peripécias de suas personagens confundem-se com as descrições da casa da fazenda, dos currais cheios de gado, das boiadas rumo às Fazendas Nacionais, os vaqueiros, os armazéns de maniçoba, os forrós, as caçadas de onças, a gripe espanhola, o medo da varíola, o enterro da burra no meio do cemitério – a aproximação com o realismo mágico para explicar o sacrilégio cometido pelo dono do animal, cujo corpo transformou-se em ratos, que transmitiram a epidemia da bexiga, motivo da morte de muitos nordestinos, no início dos anos de 1900. Muitos se manifestaram sobre o romance, como, por exemplo, William Palha Dias: “*Sambaíba* não só revela a realidade do sertão piauiense, mas e sobretudo, mostra-nos ainda um romancista que se firma na constelação literária onde brilham os fulgorosos José Lins do Rego e Graciliano Ramos.” (DIAS, 1963, p. 6)

Em 1964, Fontes Ibiapina publica *Pedra Bruta*, sem se afastar do mundo sertanejo. Apresenta-o com uma linguagem rica de termos regionais, em que os traços característicos do homem interiorano fixam o valor documental da sua prosa, nos vários contos que compõem a obra: “Insurretos”, “Ciganos”, “Aleixo”, “Tocaia”, “Caçadas”, “Feliz foi Adão ...sem sogra, sem caminho, Patuscão”.

O romance *Palha de arroz*, que Fontes Ibiapina publicou em 1968, trata do drama da população de Teresina com os incêndios, na década de 40. De fundo político-realista, discute a prostituição, o desemprego, a corrupção, a fome e os vícios. Trata-se de narrativa documental, em que Fontes Ibiapina recorre ao fato histórico, misturando realidade e ficção nas denúncias das mazelas, dos dramas, da miséria e da coragem de algumas das personagens, denunciando, em particular, as causas dos excluídos. Nesse universo ficcional destaca-se Francisco Clemente Porciúnculo, o Pau de Fumo, negro revolucionário e inteligente, personagem central do romance.

---

<sup>1</sup> Picoense: referente a Picos, cidade do interior do Piauí.

Ao lado de negro Parente, Conceição, Genoveva, Maria Piribido vivencia a história que se estrutura em trinta e nove capítulos e cuja ação é dividida em três partes: a trajetória da personagem Pau de Fumo, fugindo da polícia, a regeneração de Pau de Fumo e o retorno de Pau de Fumo à prisão.

Os comentários de Cinéas Santos e de Antônio Olinto são comprobatórios da recepção e importância da citada obra para o sistema literário brasileiro.

Se outros méritos não tivesse (e os tem), Palha de arroz, pelo caráter eminentemente documental, já seria leitura obrigatória. Mais que narrar a saga de um punhado de miseráveis entregue à própria sorte, Fontes Ibiapina denuncia, com tintas fortes, a ação criminosa e covarde dos que, na década de 40, semearam a violência, o medo e a morte nas ruas de Teresina. Os incêndios criminosos, capítulo nebuloso da história do Piauí, são retratados neste romance com crueza e realismo. (SANTOS, 2002, s/p)

O ambiente geral do romance pega pedaços de uma existencialidade brasileira que, junto com outras, contribui para que formemos um retrato de corpo inteiro do Brasil como nação que se faz livro.[...] Tenho insistido no ângulo geográfico sob que nossa ficção pode ser considerada, e aí Fontes Ibiapina vem ingressar no mapa literário do País com uma presença antes de tudo corajosa.(OLINTO, 1968, p. 12)

O editorial do jornal *A Liberdade*, de Parnaíba, do dia 5 de maio de 1984, ao noticiar sobre a adaptação em filme do romance *Palha de arroz*, com o título *A solução final*, diz:

O romance *Palha de arroz* é a imagem de uma época; o retrato e a paisagem de um período de graves contorções sociais; de inauditos sofrimentos da população pobre de Teresina. É a configuração sábia, eloqüente e honesta, apesar de ficção, dos incêndios que abalaram a capital do Piauí, de que resultaram muita celeuma e reflexos de ordem política e administrativa.

O livro *Congresso de duendes*, publicado em 1969, é composto pelos contos *Congresso de duendes*, *Faísca*, *Casamento e mortalha*, *Beco do pecado* e *Pedra rolada*. A obra reúne alguns mitos e lendas que povoam o imaginário piauiense; dentre eles, a Não-se-pode, o Saci-pererê, o Cabeça-de-cuia. Tais personagens, criadas pelo povo, incomodam e despertam a curiosidade do leitor, como exemplifica o depoimento: “Li o *Congresso de duendes*, de Fontes Ibiapina, e quase não conciliei o sono; passei a noite vendo alma trepando pelas paredes do meu quarto” (O Dia, 1968, p. 6).

O livro foi elogiado pela crítica e, conforme Macário Oliveira, para o autor “abriu caminho para a Academia Piauiense de Letras” (OLIVEIRA, 1969, p. 5). Sobre seu trabalho como etnólogo, é o próprio Fontes Ibiapina que diz: “sou um escritor de imaginação fértil. Não preciso enlouquecer para escrever um livro ou passar dois anos para escrever uma página” (IBIAPINA, 1975, p. 6). Dessa forma, a imaginação do escritor e a do leitor unem-se na criação e recepção dos textos, deixando o segundo, às vezes, sem dormir conforme relato da leitora acima.

*Tombador*, publicado em 1971, contém o retrato do meio, da terra, do povo, os costumes, os hábitos do piauiense que se firma em “um pedaço de terra que não era mais seco porque não havia beco para onde mais seco fosse” (IBIAPINA, 1971, p.10). Assim era Tombador, fazenda agro-pastoril de Bernardino de Góis, recém-

casado, com “um pé-de-meia bem servido” (p. 11). A história revela o cotidiano das senzalas com os proprietários usando as negras a seu bel prazer, os castigos impostos pelas patroas, quando das descobertas do envolvimento das negras com o marido, as mortes por encomenda, o registro de vultos que participaram da Guerra do Paraguai, as secas inclementes, os invernos abundantes, o amor de Emília e Bernardino, o envolvimento da dona da fazenda com um escravo, resultando na gravidez e na loucura da patroa; a demência de Bernardino, voltando a viver com Justina como marido e mulher, cada um no seu delírio, imaginando estarem com os verdadeiros amores.

*Tombador* faz parte da tetralogia ciclo do Couro e Cronologia da Seca e Fontes Ibiapina mostra o homem mudando o rumo da história ao construir um açude na fazenda:

se não fosse coisa dum contratempo qualquer, se Deus não mandasse ao contrário, o açude de Tombador iria ser um dos maiores do mundo. Ali mesmo, por aquelas redondezas, não era do seu conhecimento outro que chegasse ao menos aos pés daquele. Que açudão de papoco! (IBIAPINA, 1971, p.15).

Com água em abundância, Tombador seguia a vida de fazenda próspera, reunindo todos os familiares em dias de festas. Apesar de tudo estar indo bem, Bernardino não era feliz com Justina. Seu grande amor era Emília, a quem o pai não aceitava como nora, porque, apesar de prima, pertencia à ala pobre da família.

A crítica assim se manifestou sobre a obra:

Em Tombador, avultam cenários de rara beleza pictórica, havendo alguns que sacodem os nossos nervos por se nos afigurarem impregnados de sombras de maldade e lances de desespero, não sendo diminuta as surpresas que surgem a cada passo, imprimindo ao volume certa trepidação e alvoroço [...] Fontes Ibiapina é possuidor de rara imaginação e força criadora, podendo orgulhar-se de ser um dos grandes romancistas do norte do país.(MARTINS, 1972, p.5)

De estilo claro, vibrante, muitas vezes poético em suas narrações, em Tombador encontramos o brilho do escritor pelas suas descrições realísticas, o fulgor de seu estilo na representação literária naturalista dos ambientes, dos fatos, dos acontecimentos tristes ou alegres, dos estados da natureza, as secas, os invernos, o enfeite verde e florido da terra após as chuvas antes ressequida, numa linguagem típica da região que encanta e comove. (CANDELÁRIA, 1972, p. 4)

Tombador teve o poder de impressão e de sugestividade capaz de demover-nos da convicção de que o romance brasileiro, assim como a poesia, estava desajudado, desamparado e sem esperanças. [...] Originalíssimo trabalho de reflexão, servirá, certamente de ponto de partida para novas realizações no campo da ficção regional, despertando interesses novos, culturas adormecidas. (ALENCAR, 1972, p.1)

Romance bem urdido, se desenvolve tão bem que a gente lê sem

vontade de parar. Nele o Norte e o Nordeste estão presentes em corpo inteiro com seus problemas sociais e políticos. (MAIOR, 1972, p.8)

*Tombador*, com sua temática centrada em ambiente sertanejo, evidencia o apurado espírito observador de Fontes Ibiapina, impregnado do amor com que escreve e descreve sua gente, ao pintar com cores vivas os dramas sócio-humanos de Bernardino, Justina, a negra Julinha, personagens principais da narrativa, os quais refletem na trama os seres que representam, quer na vida real, quer no mundo ficcional. Comentando a obra, J. Santos Stockler diz que a mesma

é uma obra que deve ser lida por todas as castas sociais, pois que ela é um aviso que nos põe de pré-aviso sobre a nossa maneira de ser e de estar sobre a Terra, um mapa-mundo a nos ensinar o caminho do futuro, pois que só limpos de consciência e juntos poderemos formar esse aglomerado social e sociável de que a sociedade futura necessita. [...] Obra digna de ser lida e divulgada em todos os quadrantes do globo terrestre pois que ela é, além duma obra brasileira, uma obra universal. (STOCKLER, 1973, p.8)

*Destinos de contratempos* é uma antologia de contos publicados em 1974. Nella, Fontes Ibiapina transcreve fielmente a fala do sertanejo, retratando a natureza em seus traços autênticos, como se observa nos contos: O espelho, O retrato, Zeca Punciano, Vida de desencontros, Serenatas de estudantes, Menina sem mãe, Pobre do pobre, Desamor, Barracões, Dor-de-cotovelo e Totonha.

Os críticos se manifestaram a respeito da obra, comentando sua temática, suas personagens e também sua estrutura, que se centra em um clímax e num final violento. Esses contos revelam a situação da sociedade patriarcal em que a honra do homem é intocável.

Jorge Amado assim se manifestou sobre *Destinos de contratempos*: “tornei-me amigo de Totonha, pobre Totonha, de Nitinha, do negro Terto, do sanfoneiro Nicolau, de toda essa gente feita de carne e osso, tão brasileira.” Enquanto de Belo Horizonte, Euclides Marques de Andrade diz: “o autor tem um coloquial vivo, comunicante e faz dele o ponto mais forte de sua história curta.”

O narrador de Fontes Ibiapina revela-se um profundo conhecedor de seu povo, o que explica a transcrição fiel da fala e de expressões características daquela gente, fazendo com que as personagens pareçam vivas e reais.

Outro livro, *Passarela de marmotas*, publicado em 1975, retrata o folclore piauiense através de suas lendas, como as do Cabeça-de-cuia, do Barba-ruiva, da Não-se-pode. O livro contém vinte e sete personagens, as quais, segundo o autor

são criadas pela imaginação do homem rústico, com sua fértil capacidade criadora, por vezes selvagem, de origem indígena. Entretanto tem sua razão de ser, sua causa, origem, sua utilidade econômica, moral, social. Em seu todo reside a conscientização psico-coletiva de um povo.(IBIAPINA, 1995, p. 9)

Fontes Ibiapina apresenta suas personagens tecendo comentários sobre a etimologia dos nomes: diz onde surgiu, como surgiu, para em seguida contar a sua história. Assim ele fala do Lobisomen, duende importado de Portugal e que, aqui no Brasil, modificou-se, “quer na sua origem, quer na sua configuração, movimentos e ações” (p.15). O Cabeça-de-cuia, a Não-se-pode, a Porca-do-dente-de-ouro

estão entre as lendas criadas no imaginário do homem teresinense e piauiense, assim como a história de “o boi de Dona Briolanja”. Essas são algumas das narrativas da obra que justificam o lugar de Fontes Ibiapina como um grande folclorista piauiense/brasileiro.

*Mentiras grossas de Zé Rotinho*, que Fontes Ibiapina publicou em 1977, trata das conversas exageradas de caçadores, pescadores, aquelas histórias que se costumam ouvir dos “mais velhos,” nas rodas de conversas, ainda na infância, principalmente de quem nasceu ou viveu no interior. O que muda nessas narrativas é o desfecho, que varia de região para região, ou conforme o poder inventivo do narrador. O livro possui vinte e três “estórias”, narradas com cores reais, envolvendo narrador e ouvintes numa perfeita simbiose, tal a fidelidade da fotografia que faz da paisagem e dos casos relatados.

Câmara Cascudo, no prefácio da obra, afirma que “Zé Rotinho é a permanência da tradição imemorial e sedutora. Daqueles que não mentem quando estão calados... mas podem gesticular falsidades notórias...O assunto deste livro existe porque há séculos vive na mente popular.” Os críticos de vários lugares do Brasil se manifestaram conforme os seguintes relatos:

Ele libera em letra de forma a fantasia do povo de nossa terra, deixando que ela corra a todo vapor. É o puro folclore nordestino que espoca em livre desabrochar. O título indica o teor do livro, “mentira grossa” contado com descaramento tão grande que a torna ingênua, simpática, deixando entrever, quem sabe, certo lume de verdade.(ANDRADE, 1977, p. 10)

De Maceió vem o seguinte comentário:

O que valoriza o livro é o trabalho bem urdido do autor ao transpor as mentiras do oral para a escrita. Aí, Fontes Ibiapina é felicíssimo e com propriedade de estilo e acuidade vai motivando o leitor com aqueles chavões excitantes: - Para tudo no mundo, meus filhos, o camaradinho já nasce com seu dom. O mérito do livro é a riqueza de vocábulos e expressões somente usados naquela região, metidos com arte pelo autor no curso das estórias. (JAMBO, 1978, p. 6)

Luís Mendes Ribeiro, no Piauí, diz:

Ri muito, ri-me de desbraguihar-me, com a leitura de *Mentiras grossas de Zé Rotinho*. Não são fantasias inspiradas no mundo civilizado... São os exageros da imaginação da nossa gente primitiva a conceber, em fuga da aspereza em que vive, um mundo estranho e fabuloso. (GONÇALVES, 1981, p.6)

Em sequência a *Mentiras grossas de Zé Rotinho*, Ibiapina publicou *Lorotas e pabulagens de Zé Rotinho*, em 1979, premiado no Concurso Mobral de Literatura – Crônicas e Contos, recomendado pela Comissão do Concurso para qualquer público. Revela um escritor sempre preocupado, nas quinze pequenas histórias que compõem a obra, em destacar a simplicidade e a autenticidade do sertanejo, representado por Zé Rotinho. Esse prende a platéia pelo exagero das narrativas, criando nos ouvintes um misto de perplexidade e encantamento, como se observa no trecho de *Tempo de fartura*, ao falar da época em que era menino:

...quando ouvimos, foi ele alarmando que a vaca tinha caído. Na certa, lá

no dizer dele, que ela estava doente. Aí meu pai verificou logo de que se tratava. O homem tirou leite de apenas dois peitos e do mesmo lado da vaca. O úbere daquele lado foi secando, o leite do outro lado pesou, e a vaca virou tombando de vez. Aí foi preciso esvaziar o lado cheio, para ela poder se levantar. (IBIAPINA, 1979, p.27)

*Nas terras do Arabutã* publicado em 1984, é uma obra dividida em três partes: os meninos, os velhos e os meninos, gente nova. De enredo aparentemente simples, o narrador dá notícias de que certa manhã, na fazenda de Seu Anacleto do Arabutã, foi encontrado um menino amarrado ao tronco de uma forquilha; era tempo de seca e os pais devem tê-lo abandonado para que não morresse de fome. Dizia-se chamar “Tolatino”, mas, por não falar direito, nomearam-no Colatino. Doente, amarelo, empambado, vivia a comer terra. Muito fizeram para que ele deixasse o hábito. Já crescido, Colatino passou a acompanhar o filho único de Seu Anacleto, Brasilino, nas brincadeiras e “traquinices de toda natureza que se possa imaginar” (IBIAPINA, 1984, p.28).

Trata-se de narrativa de cunho social, que mescla significativamente aspectos da vida rural e urbana do povo simples do sertão. Colatino, apesar de enjeitado, revela-se a personagem central da trama. Ao lado do irmão Protestado torna-se líder sertanejo. Juntos compram fazendas e nelas fazem a experiência de divisão das mesmas entre todos os empregados, numa espécie de reforma agrária particular. Como viviam o período da escravidão no Brasil, libertam os escravos das suas fazendas, sendo esses os primeiros a participarem das divisões de terra.

H. G. Tablas tece o seguinte comentário sobre a obra: “Muito embora Fontes Ibiapina esteja afeito a uma linguagem coloquial, o que coloca sua literatura numa condição regionalista, creio que Romance Histórico seria o termo mais apropriado para se enquadrar sua obra dentro de um contexto que lhe fizesse justiça” (TABLAS, 1985, p. 10). Tem razão o crítico ao classificar a obra como romance histórico, pois vários fatos históricos são representados na ficção. Além dos já citados, a personagem Protestado, após a divisão de terras, parte para Caxias, no Maranhão, para lutar ao lado dos compatriotas contra as tropas do Marechal Fidié.

*Vida gemida em Sambambaia* é a obra com a qual Fontes Ibiapina ganha o VII Concurso Nacional do Clube do Livro. Publicada em 1985, em linguagem espontânea e carregada de regionalismo, traça um painel da vida dos sertanejos durante as secas de 1932 até a de 1953 — suas crenças, alegrias, sofrimentos —, deixando para o leitor a interpretação do quadro social por ele apresentado no romance.

Fontes Ibiapina muito contribuiu para o sistema literário piauiense e brasileiro, como se observa pelas obras apresentadas. Apesar de Fontes Ibiapina não possuir renome nacional, críticos de várias partes do Brasil reconhecem-no como um grande nome, conforme pensamento de Stela Brito:

Veio resgatar a fala do caboclo piauiense e, violando-o, numa estética agradável ao povo e consumível pelas populações interioranas e citadinas, conquista o estilo pessoal e telúrico. Sua literatura, pode-se afirmar que é a representação de uma região e de um povo, pois se inspira na própria vivência que transposta ao fundo ficcional, nos faz ir de encontro a todo processo de formação da realidade sócio-política da região. (BRITO, 2004, p. 52)

A obra de Fontes Ibiapina une o local e o universal por tratar do ser humano, de suas dores, alegrias e anseios em harmonia com os fatos históricos, com os fenômenos sociais contemporâneos vivenciados, e, ainda, por seduzir seus leitores,

uma vez que toca a sensibilidade e as emoções do homem de qualquer tempo e lugar.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ALENCAR, Altevir. Canto de página. *Diário da Serra*, Campo Grande, Mato Grosso, 17 junho 1972, p. 1.
- [2] ANDRADE, Euclides Marques. Homens e animais. *Jornal de Minas*. Belo Horizonte, 20 novembro 1977, Suplemento Cultural, p. 10.
- [3] BRITO, Stela Maria Viana Lima. *A construção da identidade regionalista em Chão de Meu Deus de Fontes Ibiapina*. Teresina: Zodíaco, 2004.
- [4] CANDELÁRIA, Inocêncio. Fontes Ibiapina: Tombador. *Jornal do Piauí*, Teresina, 4/5 junho 1972, p. 4.
- [5] DIAS, William Palha. Sambaíba. *Jornal O Dia*, Teresina, 28 fevereiro 1963, p. 6.
- [6] FERREIRA, Álvaro. Alma piauiense: Chão de meu Deus. *Folha da Manhã*, Teresina, 10 junho 1958, p. 3.
- [7] GONÇALVES, Luís Mendes Ribeiro. *Jornal do Piauí*. Teresina, 18 maio 1981, p. 6.
- [8] IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. *Pedra bruta*. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1964.
- [9] \_\_\_\_\_. *Chão de meu Deus*. 2. ed. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1965.
- [10] \_\_\_\_\_. *Congresso de duendes*. Teresina: Gráfica Albuquerque, 1969.
- [11] \_\_\_\_\_. *Tombador*. Teresina: COMEPI, 1971.
- [12] \_\_\_\_\_. *Destino de contratempos*. Teresina: COMEPI, 1974.
- [13] \_\_\_\_\_. Entrevista. *Jornal O Dia*, Teresina, 19 janeiro 1974, p. 4.
- [14] \_\_\_\_\_. *Passarela de marmotas*. Teresina: COMEPI, 1975.
- [15] \_\_\_\_\_. *Mentiras grossas de Zé Rotinho*. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1977.
- [16] \_\_\_\_\_. *Lorotas e pabulagens de Zé Rotinho*. Rio de Janeiro: Mobral, 1982.
- [17] \_\_\_\_\_. *Nas terras de Arabutã*. Teresina: COMEPI, 1984.
- [18] \_\_\_\_\_. Antes porém. *Jornal O Dia*, Teresina, 25 julho 1995, p. 9.
- [19] \_\_\_\_\_. *Vida gemida em Sambambaia*. Teresina: Corisco, 1998.
- [20] \_\_\_\_\_. *Palha de arroz*. Teresina: Corisco, 2002b.
- [21] JAMBO, Rubens Jambo. *O Jornal de Hoje*, Maceió, 1 nov. 1978.
- [22] \_\_\_\_\_. A prosa tersa de Ibiapina. *Jornal de Hoje*, Maceió, 1 nov. 1978.
- [23] LIMA, Luís Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- [24] MAIOR, Mário Souto. *Jornal do Comércio*, Recife, 28 maio 1972.
- [25] MARTINS, Carlyle. Romance piauiense. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 15 jul. 1972.



- [26] OLINTO, Antonio. Largueza da ficção brasileira de hoje. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 setembro 1968, p. 12.
- [27] OLIVEIRA, Macário de. Como vai o Piauí. *O Povo*, Fortaleza, 15 maio 1969, p. 5.
- [28] SANTOS, Cineas. In: IBIAPINA, João N. de M. F. *Palha de arroz*. 3. ed. Teresina: Corisco, 2002.
- [29] STOCKLER, J. Santo. Horizonte literário. *Beira Baixa*, Faro (Portugal), 17 fev. 1973, p.8.
- [30] TABLAS, H. G. Coluna do livro. *O Comércio*, Jahu, 24 maio 1985.
- [31] \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *O Comércio*, Jahu, 12 jul. 1985
- [32] TITO FILHO, A. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, 3 maio 1972....

---

<sup>1</sup> **Raimunda Celestina MENDES, professora doutora**

(UEMA - Universidade Estadual do Piauí - Departamento de Letras/Português; UESPI – Universidade Estadual do Piauí – Coordenação de Letras/Português)

E-mail: r.celestina@uol.com.br